

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

BIBLIOGRAFIA. PAUL MACKENDRICK - THE IBERIAN STONES SPEAK. ARCHAEOLOGY IN SPAIN AND PORTUGAL.

CARDOSO, Mário

Ano: 1969 | Número: 79

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Bibliografia. Paul Mackendrick - The Iberian Stones Speak. Archaeology in Spain and Portugal. *Revista de Guimarães*, 79 (3-4) Jul.-Dez. 1969, p. 322-325.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

porém aquelas de tamanho diminuto e sem qualquer ornamentação gravada.

A apresentação gráfica do volume, perfeição de desenhos e de impressão tipográfica, é excelente, como em geral a de todos os livros científicos editados em Inglaterra.

M. C.

PAUL MACKENDRIK, *The Iberian Stones Speak. Archaeology in Spain and Portugal*, New York, 1969, 238 págs., 13,5 × 20,5 cm. e 155 figs.

Em continuação de outras obras com título idêntico (*The Mute Stones Speak*, 1960, *The Greek Stones Speak*, 1962) da autoria do Dr. MacKendrik, Professor de Clássicas na Universidade de Wisconsin (E.U.A.), publicou o ilustre cientista no ano corrente um novo volume dessa série, em que procura igualmente fazer «falar» as velhas pedras da Península Ibérica. É curioso citar a coincidência interessante de, há muitos anos já, um grande escritor português, o falecido Prof. Agostinho de Campos ter pronunciado em Guimarães, na Sociedade Martins Sarmento, uma Conferência de carácter histórico intitulada «*As pedras falam. Portugal visto de Guimarães*» («*Revista de Guimarães*», vol. XXXVII, p. 230 ss).

O novo livro do Prof. MacKendrick não é propriamente o que possa chamar-se uma obra erudita de Arqueologia, destinada unicamente a arqueólogos. É uma descrição singela e corrente das antiguidades arqueológicas de Espanha e Portugal, livro este interessante e particularmente útil para os compatriotas do autor, que desconhecem a Pré-história e a Proto-história da Europa, e muito especialmente da Península Ibérica, que MacKendrick percorreu atentamente, nas suas numerosas viagens de estudo, analisando, observando, fotografando, anotando e comentando o que se lhe deparou e viu «com olhos de ver». É o que podemos dizer um livro científico, mas também de um turista esclarecido e culto, que, em presença dos restos arqueológicos do país que visitou, tenta, baseado nesses restos, metódicamente arrumados, fazer um esquema de reconstituição histórico-cultural desse mesmo país. Isto é, a arqueologia de Portugal e de Espanha não é para MacKendrick simplesmente a *documen-*

tação da nossa antiga História, pois, mais do que isso, é a *revelação* dessa mesma História pela observação e estudo directo dos restos arqueológicos, cronológica e culturalmente dispostos e ajustados, de harmonia com os largos conhecimentos bibliográficos que evidentemente o autor possui e em resultado dos seus contactos de visitante com os cientistas dos países por ele visitados.

Deste modo o livro de MacKendrick sobre Espanha e Portugal é um breve mas proveitoso *Guia* das nossas antiguidades, perfeitamente acessível ao turista menos familiarizado com assuntos de Arqueologia, mas que possua a curiosidade do passado histórico do país que percorre e o queira conhecer melhor do que simplesmente nos seus aspectos superficiais ou paisagísticos. Nele encontra o itinerário descritivo e metódico a seguir, o roteiro para uma visita inteligente e instrutiva, efectuada de maneira a poder compreender a evolução cultural e social primitiva do país, nas suas mais antigas raízes, através de um panorama elementar, mas elucidativo e claro. Facilita assim o autor ao leitor estudioso uma série de oito capítulos que são outras tantas lições resumidas sobre a nossa evolução cultural através dos séculos, subordinadas aos seguintes sugestivos títulos:

Da época do troglodita à Idade do Bronze (12.000-1000 a. C.) — *As navegações a Tartessos* (1100-500 a. C.) — *Os gregos em Espanha. Emporion* (600 a. C. — A. D. 300) — *A reacção ibérica* (c. 600 a. C. — A. D. 337) — *A última resistência. Numância* (133-27 a. C.) — *De César a Nerva* (44 a. C. — A. D. 98) — *A Hispânia sob os imperadores hispanos* (A. D. 98-138) — *Declínio e queda* (A. D. 138-350).

No âmbito cronológico de cada um destes capítulos acentuam-se sumariamente os factos mais importantes, ilustrando as descrições com a reprodução de objectos e monumentos tipologicamente característicos desses períodos, e de mapas e plantas topográficas.

MacKendrick conduz assim o viajante que deseja conhecer a Península Ibérica, de norte a sul desde as célebres Grutas de Altamira com suas maravilhosas pinturas animalistas representando bisontes rompantes, até a legendária cidade de Tartessos, na costa mediterrânea da Andaluzia, onde a tradição de riqueza era tal que até se dizia serem de prata as manjedouras que os magnates da região mandavam fazer para os seus cavalos; desde as

colónias gregas estabelecidas na costa levantina, entre as quais se destacava a sumptuosa Ampúrias, até à celtibérica Numância situada na Meseta central, no interior da Castela Velha, cidade que durante longos meses resistiu heróicamente ao cerco e à violência dos ataques das tropas de Cipião; chama a atenção do turista para os produtos da cultura ibérica, tão característica e original nas suas indústrias, na sua arte especialmente manifestada através da cerâmica pintada com opulentas ornamentações de influência grega; aponta-lhe as ruínas evocadoras de antigos povoados e santuários, como Ullastret, Cerro de los Santos, Ossuna, Elche; leva-o consigo a percorrer os castros e citânias do Noroeste, que floresceram em plena Idade do Ferro, como Briteiros, Sanfins, Âncora, Sabroso, Coaña; mostra-lhe finalmente a Hispânia subordinada por completo ao domínio de Roma, através das belas cidades de Tarragona, de Mérida, de Itálica e tantas outras, com seus grandiosos monumentos que ainda hoje continuam desafiando os séculos, suas robustas pontes, longas calçadas com seus miliários, seus aquedutos, balneários, templos, ricas vivendas ostentando magníficos mosaicos, etc.

É, em suma, o Prof. MacKendrik um cicerone ideal para o viajante desconhecedor dos dois países peninsulares e que os deseje palmilhar fora dos roteiros vulgares que usualmente o turista percorre despreocupado e orientado pelas indicações do seu *Guia* de viagem, que em geral apenas o ajuda na procura de hotéis mais ou menos confortáveis, de centros de distração amena e de aliciantes aspectos paisagísticos.

O livro termina com uma Bibliografia restrita e nem sempre convenientemente escolhida, mediante a qual se procura esclarecer e documentar cada um dos oito capítulos do texto.

É natural que uma obra desta natureza, elaborada em grande parte sobre apontamentos de viagem, apresente, aqui e além, informes menos precisos ou até omissões de alguma importância, como, por exemplo, na parte respeitante à notável cultura dos nossos castros do período lusitano-romano, a que o autor dedica dez escassas páginas (pp. 85-95), a maior parte das quais preenchidas apenas com gravuras, ficando assim o texto reduzido a algumas breves linhas, mais ou menos respigadas da nossa

monografia sobre a *Citânia e Sabroso*. A procedência das estampas reproduzidas é também por vezes erradamente indicada e outras vezes omissa. Mas são pequenas coisas que não diminuem o valor deste livro de vulgarização, perfeitamente útil, em especial para o viajante de língua inglesa interessado no conhecimento resumido da história primitiva da Península, e na apreciação directa dos seus mais vetustos e notáveis monumentos do passado.

M. C.

HANS GEORG NIEMEYER, HERMANFRID SCHUBART e MANUEL PELLICER CATALÁN, TOSCANOS. Die altpunische Faktorei an der Mündung des Rio de Velez. Tomo I: Campanha de escavações de 1964. Berlim, 1969, IX + 127 pp., 38 est. e 16 mapas e plantas, ed. de Walter de Gruyter & C.º. Formato 22 x 31 cm.

Toscanos é o topónimo de uma granja ou herdade andaluza (*cortijo*), onde existe um pequeno grupo de edifícios agrícolas, cujo actual proprietário parece descender de imigrantes italianos que, segundo a tradição, ali se teriam estabelecido, vindos da Toscana no século XVIII, durante o reinado de Carlos III. De aí o nome do lugar, resultante da origem étnica dos seus antigos habitantes. Fica situado junto à costa mediterrânea a poucos metros da margem direita do pequeno Rio Velez, que desce para o mar pela vertente sul da Serra de Alhama e desagua a uns 6 quilómetros a sul da cidade de Velez-Málaga, cortado, junto à foz, pela ponte da estrada que liga Málaga a Almeria e atravessa a pequena povoação de pescadores de Torre del Mar.

Toscanos assenta na encosta de uma colina de pouca altura ladeada por dois outeiros, um do lado poente chamado o *Peñon*, que fica da parte da margem direita do Rio Velez, com cerca de 90 m. de altitude acima do nível do mar; outro do lado nascente, chamado *Cerro del Mar*, de uns 50 m. de altura, situado da parte da margem esquerda do mesmo rio.

Este pequeno trecho da zona andaluza da costa mediterrânea foi, na Primavera de 1964, de fins de Fevereiro a 21 de Março, submetido a uma exploração arqueológica dirigida por dois investigadores alemães que trabalham na Secção madrilenha do Instituto Arqueológico Alemão,